

O  
sonho  
de  
Sofia

EDITORA  
EME

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 500 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpitantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita – iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

*Edição e distribuição*

**EDITORA EME**

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari - SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 | Claro (19) 99317-2800

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

LÚCIA COMINATTO

O  
sonho  
de

ROMANCE ESPÍRITA

Sofia

Capivari-SP  
- 2014 -

© 2014 Lúcia Cominatto

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pela autora para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém, ainda, o Centro Espírita “Mensagem de Esperança”, colabora na manutenção da Comunidade Psicossomática Nova Consciência (clínica masculina para tratamento da dependência química), e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição – novembro/2014 – 3.000 exemplares

CAPA | André Stenico

DESIGN E DIAGRAMAÇÃO | Victor Augusto Benatti

REVISÃO | Sônia Rodrigues Cervantes

Ficha catalográfica elaborada na editora

Cominatto, Lúcia, 1929-

O sonho de Sofia / Lúcia Cominatto - 1ª ed. nov. 2014 -  
Capivari, SP : Editora EME.

192 p.

ISBN 978-85-66805-46-8

1. Romance espírita. 2. Lei de ação e reação. 3. Amor e perdão.

I. TÍTULO

CDD 133.9

# Sumário

Prefácio .....	7
Apresentação .....	11
1. A traição .....	15
2. A tragédia.....	25
3. A vingança de Helena .....	37
4. O encontro.....	47

5. O sonho de Sofia.....	57
6. De volta ao passado .....	65
7. O casamento.....	75
8. Retornando ao presente .....	83
9. Helena.....	93
10. Flávio.....	111
11. Sofia.....	121
12. O reencontro .....	131
13. O destino se cumpre .....	139
14. O tratamento de Lucas .....	147
15. A festa .....	153
16. O despertar de Helena.....	161
17. O perdão.....	169
18. Momentos de dor .....	177
19. O retorno de Helena .....	185

## Prefácio

PRIMEIRO ROMANCE DE autoria de Lúcia Cominatto, isto é, que não é fruto de psicografia. Essa é uma questão que gostaria de comentar e convidar o leitor a uma reflexão, partindo da premissa de que todo escritor também é médium. Peça a um escritor que redija um texto,

se, no momento, ele tiver inspiração, com um pouco de técnica pode desenvolver alguma coisa. Mas o bom texto, aquele que tem valor literário, esse não prescinde da inspiração. Os grandes poetas sempre invocaram as divindades inspiradoras, cada um possuía “sua musa”.

Segundo Allan Kardec, no capítulo 161, item 190 de *O Livro dos Médiuns* “médiuns inspirados são aqueles a quem os Espíritos sugerem ideias, quer relativas aos atos ordinários da vida, quer com relação aos grandes trabalhos de inteligência.”

Logo, amigos, a questão da qualidade não se deve ao fato de um livro ser psicografado ou não, se o autor é encarnado ou desencarnado. O que deve importar é o seu conteúdo, a possibilidade de provocar a criatividade do leitor, para que vá participando do enredo, criando na mente o mundo sugerido como se fosse real. Temos que levar em conta também o poder de emocionar, convencer, ensinar, distrair e, no caso do livro espírita, evangelizar.



Baseando-me nesses quesitos, posso afirmar que o romance *O sonho de Sofia*, por sua característica de obra comprometida com os princípios da doutrina espírita, vai criando na imaginação do leitor um contexto de vivências e relacionamentos, entrelaçando vidas num conflito ao longo de três encarnações. Convincente-nos, por tratar de acontecimentos perfeitamente encontráveis num mundo de provas e expiações: traição, inveja, vingança, ciúme que provocam comportamentos equivocados, cujas consequências só poderiam causar enfermidades e degradação moral.

Contudo, o progresso é lei da vida, e a espiritualidade programou a encarnação de cada personagem, permitindo que o destino agisse em favor daqueles que, envolvidos num passado de erros, pudessem arcar com a responsabilidade dos seus atos e tivessem a oportunidade de testemunhar o perdão. O contato com a doutrina espírita vai esclarecendo e despertando os irmãos em confronto, ensinando que a

dor é um grande instrumento de entendimento e liberação de clamorosos débitos.

Para reforçar, pessoas já evangelizadas, propensas ao bem veem equilibrar e sustentar a renovação daquelas criaturas engolfadas nos sentimentos provocados pela ilusão, orgulho e desforra. Destaca-se Sofia, o anjo consolador, que reúne ao redor de si todas aquelas almas e, através de sua mediunidade missionária vai semeando a concórdia, a compreensão, a saúde e o amor.

Dignos de nota também são os excertos compilados junto a *O Evangelho segundo o Espiritismo*, presentes no final de cada capítulo, fechando-o com chave de ouro, atendendo ao propósito espírita de evangelização.

Concluindo, recomendo a leitura da presente obra, informando ao leitor que aqui encontrei emoção e ensinamentos, passando horas de agradável leitura.

**Isabel Scoqui**

**08/09/2014**

## Apresentação

EMBORA ESTE NÃO seja um livro psicografado, como os demais da Irmã Maria do Rosário já publicados anteriormente, não posso dizer que não houve nenhuma inspiração espiritual, pois à medida que escrevia, muitas ideias não preconcebidas iam brotando em minha mente.

Bastava iniciar algum novo capítulo, para que surgissem ideias que o direcionassem a alguma sequência do assunto ou que tomassem um outro rumo. Conforme escrevia, as cenas iam passando em minha mente, conseguindo visualizá-las como se fossem reais.

E foi assim que, aos poucos, foi surgindo este pequeno romance. Digo, aos poucos, porque foi um trabalho realizado sem pressa, como uma nova experiência, chegando a ficar parado por semanas e semanas ou até por alguns meses, sem que encontrasse condições de dar continuidade, e até deixá-lo, por algum tempo, como que abandonado.

Procurei adaptar as conotações espíritas na medida em que surgiam novos acontecimentos, porque, afinal, este pretendia ser mais um romance espírita, entre tantos outros que já existem no mercado, mas que procurasse levar aos leitores iniciantes um pouco mais de conhecimento dessa abençoada e consoladora doutrina, além dos ensinamentos morais, que sempre

considerarei como prioridade em minha vida de trabalhadora da seara espírita e aprendiz dos ensinamentos de Jesus.

Assim sendo, espero que aqueles que o le-rem possam sentir-se mais reconfortados, por saberem o quanto a Justiça Divina tem agido em nosso favor diante de todos os problemas que estejamos enfrentando nesta jornada terrena para o nosso crescimento interior.

Tendo por foco o amor e o perdão perante a traição, que muitos de nós estamos sujeitos a sofrer, espero que esta obra, como as demais, também atinja os seus objetivos, ou seja, contribuir para evolução espiritual do ser humano.

E que o divino mestre Jesus a todos nós abençoe!

**Grata pela atenção.**

**Lúcia Cominatto**

**São Paulo, fevereiro de 2014**



## 1. A traição

MESMO EM MEIO ao silêncio da manhã, que surgia com o despontar dos primeiros raios de sol afastando as sombras da noite e tingindo o horizonte de róseas cores, na alma de Helena tudo estava negro e como que em ebulição. A

dor que lhe corroía as entranhas não cessava, tal o desespero que a levou a uma noite insone.

O golpe sofrido e a decepção enfrentada levaram-na a passar a noite remoendo o acontecimento da véspera que atingiu sua alma, não lhe permitindo adormecer para tentar, pelo menos por algumas horas, esquecer. Lágrimas abundantes banhavam-lhe a face, que apresentava ritos de dor.

– Por que... por que... por quê? – perguntava insistentemente a si mesma, sem encontrar nenhuma explicação.

O acontecimento da véspera fora doloroso demais para que pudesse serenar seu coração. A discussão que tiveram, culminando com a separação de Flávio, foi por demais violenta, chegando quase à agressão física, que só não aconteceu pela aproximação da filhinha Sofia que, assustada com os gritos, pôs-se a chorar.

Helena não conseguia tirar da lembrança a traição de seu marido com Carminha, sua melhor amiga.



Por um descuido de Flávio, aquela carta reveladora ficara esquecida sobre a mesa da escrivaninha, entre alguns papéis, ao retornar à construtora onde trabalhava, após ter ido almoçar em casa, naquele dia, como às vezes fazia. Esquecimento fatal, pois assim que ele saiu, Helena, que gostava de manter a casa sempre na mais absoluta ordem, foi verificar se Flávio não havia deixado o seu escritório desarrumado, com pontas de cigarro no cinzeiro ou papéis amassados no cesto. Porém, ao ajeitar os papéis que estavam sobre a escrivaninha, reconheceu num envelope a letra de Carminha, o que despertou sua curiosidade.

Não resistindo ao impulso de saber o porquê da amiga enviar uma carta ao seu marido, fechou a porta para ter mais privacidade. Ao abrir o envelope, iniciou a leitura e, qual não foi a sua surpresa ao ler, já nas primeiras linhas, palavras tão apaixonantes e reveladoras da traição de que estava sendo vítima.

- Como? - pensava ela. - Por quê? Sempre procurei ser uma esposa fiel e dedicada ao lar! O que eu teria feito para merecer essa cruel traição, e justamente com a minha melhor amiga!?

Foi se deixando envolver por sentimentos deprimentes, criando espaço na mente para infiltrações de espíritos vingativos, que lhe iam inspirando palavras de ódio e de revolta, que só faziam aumentar a sua dor. E, tão nervosa estava, que nem percebeu o carro de seu marido estacionando, novamente, em frente ao portão de entrada.

Estava ainda procurando entender os motivos que levaram essas pessoas queridas a agirem dessa forma para consigo, quando a porta se abriu repentinamente. Era Flávio que, ao se lembrar da carta que havia recebido pela manhã no trabalho, e que, por falta de tempo levava para casa a fim de ler na hora do almoço, mas que deixara esquecida em meio a outros papéis, apressadamente retornou a fim de le-

vá-la de volta. Mas já era tarde. A sua traição havia sido descoberta.

- Helena, o que está fazendo? - perguntou ele aos gritos. - Por que está mexendo em meus papéis? Saia daqui imediatamente, pois tenho de procurar um documento esquecido, antes de voltar ao trabalho.

Embora Helena sempre fosse muito submissa ao marido, nesse momento, com o coração ferido e com a carta na mão, rebelou-se:

- E esta carta, Flávio? O que significa isto? Desde quando você e Carminha são amantes? - retrucou em desespero.

E, numa reação que só demonstrava a sua falta de caráter, Flávio, em vez de reconhecer seu erro e desculpar-se pelo mau comportamento, pôs-se a gritar:

- Você está delirando... Que história é essa de amantes? De onde você tirou isso?

- Está aqui a prova, Flávio, a carta que encontrei. Você não pode negar!

- Agora deu para ficar ciumenta? Bem que

você merecia ser traída, pois não tem sido a mulher que sempre desejei para mim, e que busquei quando nos casamos.

- E você dizia que me amava, me fazia juras de amor... Era tudo mentira, então?

- Não, não era mentira, eu a amava sim, mas você destruiu o amor que lhe dedicava, porque só tem olhos para cuidar da casa e da nossa filha, e pouca atenção me dá. Depois, diz que está cansada e recusa as minhas carícias quando estamos a sós. Assim agindo para comigo, aos poucos, fui me afastando de você, pois o que eu não tenho recebido em casa, passei a procurar nos braços de outra. Está satisfeita agora? Foi você mesma quem destruiu o nosso casamento, portanto, não tem do que se queixar.

- Mas isso é traição para comigo! Não esperava isso de vocês. Entretanto, eu nunca o traí. E o que você queria que eu fizesse, com uma casa enorme para cuidar e nossa filha para criar? Embora tendo a Marta para me ajudar,

não paro o dia inteiro, sempre tenho tanta coisa a fazer!

- Isso é uma desculpa esfarrapada! Quantas mulheres, eu sei, que também cuidam de suas casas e até de mais filhos, e não deixam de ser carinhosas com seus maridos, alegando cansaço. E não adianta se desculpar pelo tamanho da casa, pois eu bem que insisti para mudarmos para outra um pouco menor e até mais nova e mais bonita, mas você não quis, alegando ser esta a casa que herdou de seus pais.

Assim, Flávio foi descarregando sobre ela tudo o que sua mente doentia lhe ordenava que falasse. Desesperada, Helena percebeu que, de vítima, aos olhos dele estava passando por culpada. E, num crescendo de mútuas acusações, Flávio decidiu por abandoná-la de vez e, extremamente irritado, foi saindo e dizendo aos gritos:

- Volto mais tarde para buscar minhas coisas!

E, sem falar para onde ia, bateu a porta e

saiu apressadamente. Helena concluiu que ele ia para os braços de Carminha.

Agora, só, em seu quarto, após a noite que passara sem conciliar o sono, com os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar, Helena levantou-se e foi ao quarto de sua filhinha Sofia, de apenas três anos, com desejo de aconchegá-la em seus braços, mesmo estando ela ainda adormecida. E, mentalmente, perguntava:

- E agora, meu Deus, o que fazer da minha vida? E esta inocente criança, pobrezinha, como reagirá na ausência do pai? Ela não merecia presenciar a cena que presenciou.

Ao tocá-la, a menina acordou assustada e, lembrando-se do que vira na véspera, perguntou à mãe:

- Por que o papai estava tão bravo ontem? E você, mamãe... chorava tanto!... Para onde ele foi? Ele não volta mais?

Com as palavras da filhinha, Helena pôs-se a chorar novamente. Sofia, porém, na sua doçura de criança foi logo dizendo:

- Não “chora”, mamãe, eu estou aqui com você!

Emocionada com as palavras da filhinha tão querida, apertou-a em seus braços com imensa ternura, esforçando-se por controlar as lágrimas.

A vida de Helena, porém, haveria de se transformar, literalmente, em razão do ódio que passou a cultivar no coração.

Sabemos, porém, que o ódio é uma força negativa que mais prejudica a quem o cultiva dentro de si.

Infeliz daquele que diz: Eu jamais perdoarei!  
Porque, se não for condenado pelos homens, o  
será certamente por Deus.

**E.S.E. (cap. X - item 4.)**